

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS  
CURSO DE LETRAS (HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS  
RESPECTIVAS LITERATURAS)**

**LANA SUIANA GOMES DA SILVA**

**O AMOR EM MARIANA: UMA VISÃO ULTRARROMÂNTICA NA OBRA AMOR  
DE PERDIÇÃO DE CAMILO CASTELO BRANCO**

**PATU**

**2018**

**LANA SUIANA GOMES DA SILVA**

**O AMOR EM MARIANA: UMA VISÃO ULTRARROMÂNTICA NA OBRA AMOR  
DE PERDIÇÃO DE CAMILO CASTELO BRANCO**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Gleison Carlos Souza de Moraes

PATU

2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

### Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586a Silva, Lana Suiana Gomes

O amor em Mariana: Uma visão ultrarromântica na obra Amor de Perdição de Camilo Castelo Branco. / Lana Suiana Gomes Silva. - Patu, 2018. 39p.

Orientador(a): Prof. Me. Gleison Carlos Souza de Medeiros.  
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas). 2. Literatura. Ultrarromantismo. Mariana. Amor. Morte. I. Souza de Medeiros, Gleison Carlos. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

**LANA SUIANA GOMES DA SILVA**

**O AMOR EM MARIANA: UMA VISÃO ULTRARROMÂNTICA NA OBRA AMOR  
DE PERDIÇÃO DE CAMILO CASTELO BRANCO**

A presente monografia foi aceita pelo Departamento de Letras do *Campus* Avançado de Patu da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Letras, sendo aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, abaixo especificada.

Aprovada em: 17 / Dezembro / 2018

Banca Examinadora

---

Prof. Ms. Gleison Carlos Souza de Moraes – (CAP- UERN)

Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Maria Gorete Paulo Torres

Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Carla Moura Dutra - (CAP-UERN)

Examinadora 2

Aos meus pais.

O amor só vive pelo sofrimento e cessa com a felicidade; porque o amor feliz é a perfeição dos mais belos sonhos, e tudo que é perfeito, ou aperfeiçoado, toca o seu fim.

(Camilo Castelo Branco)

## AGRADECIMENTOS

De início agradeço ao meu Deus, por nunca me deixar desistir nos momentos de dificuldade. Acredito no poder da tua luz na minha vida, sempre guiando meus passos e me concedendo forças para enfrentar os obstáculos que surgiram ao longo do curso, sei que cheguei até aqui graças a Ti.

Agradeço a minha mãe, Sueleide, meu pai, Leoderson por todo o apoio, por nunca ter desistido do meu sonho. Acredito que, se estou aqui foi graças ao apoio, carinho, amor dedicado a mim.

Ao meu irmão Leocides, que sempre esteve comigo contribuindo positivamente em minha graduação.

A minha cunhada Danielly, pelo o incentivo e apoio nos momentos de decisão.

A minha sobrinha Ana Liz, que tornou esse momento ainda mais gratificante. Minha família é benção de Deus, obrigada por tudo.

Agradeço aos primos, tios, avós, em especial a João Gomes (in memoriam) e Pedro Correia (in memoriam), que hoje brilham no céu, mas continua a me abençoar.

Aos meus amigos que direto ou indiretamente ajudaram, para que pudesse realizar esse sonho.

Aos meus colegas de faculdade que, estiveram comigo durante todos esses anos, tornando os momentos ainda mais alegres. Agradeço especialmente a Francineide, Jessé, Natália, Ângela pelo companheirismo, juntos formamos um bom grupo. Tem o meu respeito e admiração.

Não poderia de deixar de falar dos colegas que hoje não estão juntos nessa graduação, mas que independente da distância a amizade prevaleceu, Mateus e Fernanda dedico a vocês essa conquista.

Agradeço a minha colega Ana Cristina que durante todos esses anos esteve sempre comigo, foram momentos de dúvidas, companheirismo sem nunca nos deixar abater pelas dificuldades da graduação. Obrigada por tudo.

Ao meu orientador prof. Gleison Carlos, que se revelou ser bastante competente e compreensível. Obrigada por ter acreditado e ajudado a adquirir novos conhecimentos.

Aos membros da banca composta pela professora Carla Moura Dutra que é uma ótima profissional; Ma Gorete Torres que tenho um grande respeito, admiro demais como profissional e como pessoa.

A todos os meus professores que colaboraram no meu crescimento pessoal e profissional. Especialmente a Ma Larissa Viana, Dr Ananias Agostino, Ma Annie Tarsis, Ma Lailsa, Ma Leidiana que através das discussões realizadas, contribuíram na minha formação acadêmica. Meu muito obrigado a todos.

Agradeço a UERN, especialmente ao Campus Avançado de Patu e ao departamento de Letras pela oportunidade de ingressar em uma universidade, termino com a certeza que como futura professora irei retribuir toda a dedicação a mim prestada.

A todos, meu muito obrigado.



## RESUMO

As mudanças ao longo do tempo vêm construindo um espaço na história da literatura, que perpetua até os dias atuais. Ao falarmos em ultrarromantismo adentramos em uma época de amores proibidos, em amantes que enfrentavam as próprias convicções para buscar vivenciar o amor mesmo que a forma de concretização fosse através da morte. Assim, essa análise tem como objetivo identificar as características do amor mortal, e como é o desenvolvimento do amor na narrativa destacando a personagem Mariana, como uma amante do amor, mas que a leva à perdição. Para a realização dessa análise utilizamos alguns teóricos como Moisés (1969-1984-2005), Souza (2008), Oliveira (1997), Schonarth (2015), Ribeiro (2010), Cunha (2005-2008), Cruz (2016) para nos fundamentar e construir novos meios de entendimento sobre o romantismo adentrando em seus contextos e modo de expressão do amor mortal. Como *corpus* utilizaremos a obra Amor de Perdição de Camilo Castelo Branco, possibilitando um aprofundamento do ultrarromantismo, visando Mariana e suas particularidades na obra. Os fatores metodológicos que contribuíram na nossa análise, se deu a partir da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa, por nos subsidiar nas análises de livros e teóricos que falam sobre o tema abordado. Inicialmente abordamos a Literatura Portuguesa, o romantismo e suas conjunturas no ultrarromantismo para compreendemos o seu desenvolvimento. Através dos trechos da obra analisamos o amor e suas construções na narrativa, que nos possibilitou chegar os resultados dessa pesquisa. Tais trechos apresentam como o amor era presente naquela época, mas que as questões sociais traziam diferentes pensamentos sobre o amor, e os modos de concretização. Além do mais se percebe que Mariana se modificou em decorrência de um amor não correspondido, em que de menina ingênua se transformou em uma mulher dominada, sem perspectiva de vida, e por consequência a perda da própria vida. Casos como estes nos possibilitou conhecer contextos antes vividos e que hoje está presente em muitas narrativas.

**Palavras-chave:** Literatura. Ultrarromantismo. Mariana. Amor. Morte.

## ABSTRACT

The changes over time have been building a space in the history of literature that perpetuates to this day. When we talk about ultrarromantismo we enter a time of forbidden love in lovers who faced their own convictions to seek experience love even though the embodiment was through death. Thus, this analysis aims to identify the characteristics of mortal love, and how is the development of love in the narrative highlighting the Mariana character, as a lover of love, but that leads to destruction. To carry out this analysis we use some theorists like Moisés (1969-1984-2005), Souza (2008), Oliveira (1997), Schonarth (2015), Ribeiro (2010), Cunha (2005-2008), Cruz (2016) to the base and build new ways of understanding of romanticism entering in their context and mode of expression of mortal love. How we use the corpus Doomed Love work of Camilo Castelo Branco, enabling a deepening of ultrarromantismo, aiming Mariana and its peculiarities in the work. The methodological factors that contributed to our analysis, we gave from the literature of qualitative nature, for the support in the analysis and theoretical books that talk about the topic discussed. Initially we approach the Portuguese Literature, Romanticism and its junctures in ultrarromantismo to understand its development. Through the work we analyze excerpts love and its buildings in the narrative, which enabled us to get the results of this research. These excerpts show how love was present at the time, but that social issues brought different thoughts about love, and the realization modes. Moreover it is clear that Mariana has changed because of unrequited love, in that naive girl became a woman dominated, with no prospect of life, and therefore the loss of life itself. Cases like these possible contexts know before lived in and is now present in many narratives.

Keywords: Literature. Ultrarromantismo. Mariana. Love. Death.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 O CONTEXTO HISTÓRICO DO ROMANTISMO</b> .....	13
2.1 O DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA.....	13
2.2 O ROMANTISMO E SUAS EXPRESSÕES LITERÁRIAS .....	14
2.3 O ULTRARROMANTISMO COMO FUGA DA REALIDADE EXISTENCIAL .....	16
2.4 CAMILO CASTELO BRANCO - OBRA E VIDA.....	17
2.5 AMOR DE PERDIÇÃO: A DUALIDADE ENTRE O AMOR E A PERDIÇÃO .....	19
<b>3 O AMOR E UM ASPECTO TRANSFORMADOR EM MARIANA</b> .....	22
3.1 A VISÃO DO AMOR MORTAL .....	22
3.2 A PERSONAGEM MARIANA COMO REPRESENTAÇÃO DO AMOR MORTAL....	27
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	36

## 1 INTRODUÇÃO

Muito se fala em amor, mas é preciso ir além. É preciso se aprofundar em suas histórias e suas formas de se concretizar. Na Literatura isso não é diferente, muitas pessoas já viveram um amor muitas vezes impossível, mas que buscava meios que possibilitasse a concretização desse sentimento, essa busca de felicidade é o que mantém vivo o amor em tantas pessoas e que é narrado em muitas obras. Sabemos que o amor era vivido de forma intensa entre seus amantes, mas era narrado como algo impossível de acontecer por crenças religiosas ou até mesmo questões familiares, dessa forma muitos amores se tornavam ainda mais impossíveis e muitos casos de mortes por amor ficaram muitos conhecidos até os dias atuais.

Não é difícil encontrar casos de amor que tiveram como consequência a morte, muitos “heróis e heroínas” buscavam a todo custo viver esse sentimento mesmo que para isso enfrentasse suas próprias convicções. As consequências se dariam como uma forma de escapar de tudo isso, de todas as proibições que existiam, dos modos de se ver o amor. Podemos citar uma história amorosa muito conhecida na literatura, no qual foi objeto de grandes pesquisas relacionadas ao amor não concretizado. Romeu e Julieta de William Shakespeare é uma representação do amor impossível, que terminou em tragédia pela não concretização desse sentimento. Em muitos casos amorosos abordados em narrativa se pensava que a morte era a única forma de consolidar o amor por acreditar ser infinito, que ir além da vida era a única forma do amor se concretizar.

Para que possamos nos aprofundar nessa temática buscamos nessa pesquisa apresentar as construções percorridas pelo amor mortal na Literatura Portuguesa na fase do romantismo, e de forma aprofundada o ultrarromantismo, que tinha como característica o amor impossível e como consequências dessa indocilidade, a morte. Por esses e outros acontecimentos que esse período ficou conhecido como o mal do século.

Dessa forma, trazemos um estudo reflexivo sobre o amor, mostrando como era narrado e como o autor conseguia mostrar esse amor mortal, concretizado através de grandes tragédias. Para tal finalidade, utilizamos a obra *Amor de Perdição*, no qual foi evidenciada a questão do amor presente na narrativa, expondo as questões do amor ultrarromântico e demonstrando o contexto em que a obra foi escrita. Além do mais nos possibilitou um resgate a literatura e esse amor ultrarromântico de alguns personagens que foram retratados em obras do romantismo, e que ficaram tão conhecidos pelos apaixonados por evidenciar os relacionamentos amorosos.

Como uma forma de aprofundamos nossa pesquisa e criar o caminho para chegamos nos resultados esperados, temos como questionamentos: Pensando na forma de concretização

do amor, podemos adentrar em muitos contextos, entre os mais possíveis seria, como era o amor em Mariana, por uma visão ultrarromântica? E o amor, será que pode nos levar a perdição? Como base nesses questionamentos, nossa pesquisa tem como objetivo geral analisar com base na visão ultrarromântica a personagem Mariana que compõe o trio amoroso na obra *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco. Como objetivos específicos iremos identificar as características ultrarromânticas que estão presentes na obra, analisar a construção do amor no ultrarromantismo, compreender o desenvolvimento do amor no trio amoroso, destacar a personagem Mariana, e mostrar o quanto o amor pode se transformar em perdição.

A pesquisa se deu com base em alguns teóricos, como: Moisés (1969-1984-2005), Souza (2008), Oliveira (1997), Schonarth (2015), Ribeiro (2010), Cunha (2005-2008), Cruz (2016) que evidenciaram o romantismo e como se deu o processo do amor ultrarromântico na obra *Amor de perdição*, contribuindo para uma melhor concretização de ideias que formaram nossa pesquisa.

A justificativa dessa pesquisa é fazer uma análise do amor presente na fase do romantismo, destacando para esse sentimento que muitas vezes não era visto de forma que agregasse aos princípios daquela época. Sabemos que o amor traz consigo fatos que contribuem na formação da história de muitos casais em épocas em que o meio social e as grandes famílias era quem “dominava” a escolha dos casamentos. Dessa forma, possui como motivação o fato que é de grande importância para literatura e de forma mais íntima para o aluno de graduação que tem o contato com esse amor vindo de grandes escolas literárias, além disso é de grande importância para literatura ao buscar despertar uma reflexão acerca do amor, visando o ultrarromantismo para demonstrar esse contexto social e histórico, tanto em relação ao lado amoroso como também a concretização através da morte. Assim as ações aqui realizadas têm o intuito de resgatar na literatura esse sentimento, no qual foi o responsável por permitir que muitos personagens ficassem tão conhecidos em decorrência de seus relacionamentos amorosos.

Essa pesquisa foi dividida em dois momentos, mostrando o amor em seus diferentes contextos. O primeiro capítulo foi explanado os fatos sócio históricos da Literatura Portuguesa com viés no romantismo e apresentando as suas fases, buscando assim compreender como essa fase ganhou espaço na Literatura. Para um melhor aprofundamento foi descrito como se deu a fase ultrarromântica, mostrando como suas características contribuíram de forma positiva para o crescimento do amor presentes em muitas obras escritas naquela época. Além do mais percebemos que é de grande importância apresentar a vida do autor da obra aqui analisada possibilitando conhecer suas escritas e seus modos de enxergar esse amor mortal, assim

apresentamos a vida e obra de Camilo Castelo Branco. Para adentrarmos na análise do amor exibimos as características da obra, destacando alguns trechos que mostraram essas peculiaridades. É uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativa, por nos subsidiar nas análises de livros e teóricos que falam sobre o tema abordado. Prodanov (2013) vem dizer que a pesquisa bibliográfica “[...] quando elaborada a partir de material já publicado, [...] com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa (PRODANOV, 2013, p. 54). Já “[...] a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa”. (Prodanov 2013, p. 70).

Como foco principal desta análise o segundo capítulo foi destinado a análise do amor na obra em uma visão ultrarromântica, mostrando a construção deste sentimento na narrativa. Assim iremos refletir como se dar as impossibilidades da realização do amor, e quais os obstáculos enfrentados pela personagem Mariana na busca de concretizar um amor impossível. De forma aprofundada analisaremos as suas conjunturas e desafios enfrentados por Mariana mostrando até que ponto uma mulher ingênua, delicada se transforma e aceita a realidade para concretizar o amor que tanto almejava, mas que a leva a perdição.

Assim, essa pesquisa busca construir novas ideias relacionada ao amor contribuindo de forma positiva no resgate da obra analisada. Colaborar para que o leitor crie uma nova forma de enxergar o amor e a construção romântica dos personagens da narrativa, além do mais cooperar para trabalhos futuros destinados a Literatura Portuguesa.

## 2 O CONTEXTO HISTÓRICO DO ROMANTISMO

Neste capítulo evidenciamos a literatura de forma a mostrar como se deu o seu desenvolvimento até chegar ao que conhecemos nos dias atuais, adentrando na literatura portuguesa. Para que possamos conhecer o contexto do qual a obra estudada se insere, apresentamos o romantismo e suas fases, possibilitando apresentar suas formas de evolução e desenvolvimento. Além do mais será apresentado o ultrarromantismo, conheceremos a vida do autor Camilo Castelo Branco para compreendermos a sua escrita e suas peculiaridades, e adentramos a obra *Amor de Perdição*. Utiliza-se como base teórica, Moisés (1984 - 2005), Schonarth (2015) e Ribeiro (2010).

### 2.1 O DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA

O processo do desenvolvimento da Literatura já foi pesquisado por vários pesquisadores, mas que ainda existe questionamentos que evidenciam os seus contextos históricos. MOISÉS (2005, p. 10) vem nos dizer que “ A literatura é a expressão de conteúdos da ficção ou da imaginação por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal”. Assim, podemos perceber que o seu modo de expressão vai mais além do que está nos livros, envolve diversos meios de manifestações, e de como podemos encarar diferentes espaços e modos de interpretação.

Os valores de uma literatura, os valores que lhe dão autenticidade e autonomia, têm hábito permanecer, de uma forma ou de outra, e periodicamente se fazem sentir e admirar. Só assim uma literatura não sucumbe às modas e perpetua-se pelo culto dos altos valores do espírito humano, afinal resumíveis no afã de todo homem por identificar-se com sua terra, o que significa ser mais igual a si próprio e à cultura que lhe condiciona as ânsias de permanecer além do efêmero da vida física. (Moisés 1984, p. 23).

Assim sendo, a literatura foi ganhando seu espaço e permanecendo até os dias atuais, apesar se suas inúmeras mudanças a suas ideias ultrapassaram os anos atingido tantos outros escritores que evidenciam essa estética. Desse modo, para que possamos adentrar na nossa pesquisa é preciso destacar a Literatura Portuguesa no qual a nossa pesquisa está centrada e mostrar o quanto é importante para o contexto de várias escolas literárias que constituem essa literatura. Moisés (2008), diz que escritores da literatura portuguesa sempre se associa a fuga ou até mesmo pelo apego, em que as dores, as incertezas é o centro de suas inspirações ou de

seus sonhos. Além do mais a fuga é nutrida muitas vezes nos males da emoção, e na inquietação do ser.

## 2.2 O ROMANTISMO E SUAS EXPRESSÕES LITERÁRIAS

O Romantismo surgiu em 1825 em Portugal como uma nova forma de progresso naquela época, esperava que isso seria um novo meio de contribuir para a economia burguesa por ser uma expressão literária e plástica que corroborava a consciência burguesa. Visto que o progresso que iria passar era a liberdade que muitos estavam esperando, pois era evidente que isso tornaria um exercício de poder sobre si mesmo. MOISÉS (1984), diz que:

Originário da Escócia e da Alemanha, o Romantismo foi introduzido em Portugal por Garret, em 1825, com a publicação do poema Camões. Seu término ocorre por volta de 1865, quando se instala a reforma trabalhista. [...] O Romantismo português acompanha as linhas gerais do movimento europeu, mas adaptando-o a uma conjuntura sócio-econômico-cultural (Moisés 1984, p. 231).

Segundo Moisés (2008), O Romantismo veio para mudar tudo o que se acreditava do racionalismo, no qual sua visão de mundo se transformaria em algo novo. Seria o século da oposição e de grandes transformações que defendia o homem como o ser bom, mas que se corrompia por meio da sociedade, desvalorizando o seu próprio ser em decorrência das várias revoluções que mudaria todo o contexto daquela época. Assim, ao longo de suas mudanças o romantismo foi ganhando espaço e formas de um movimento com espírito romântico em que a visão do mundo estava centrada no indivíduo, seus desejos era acima de tudo para si próprio, e os amores trágicos era a forma de mostrar seus dramas humanos e escapismo de seus amores.

Ao longo se evolução foram surgindo alguns momentos que seriam três fases que representaria um só núcleo. Moisés (1984) diz que:

O romantismo português não foi sempre igual: como todo organismo vivo, apresenta fases ou “momentos” de evolução. A esses “momentos” vão corresponder três ciclos de interesse comum girando em torno de um núcleo Central, sem que este núcleo contenha qualquer ideia hierárquica de valor, porquanto não significa que o último “momento” seja menos rico literalmente que os dois primeiros, e vice-versa. (Moisés, 1984 p. 12).

Assim podemos perceber o quanto cada fase ia ganhando seu espaço no romantismo, a primeira fase (de 1825 a 1838): Como uns dos representantes desta fase se tem Alexandre



Herculano que em sua essência era um historiador para relatar as coisas do mundo, e que tinha uma imaginação acerca do se via, mas faltava extrair o lado da realidade mais íntima, e não possui o espírito crítico mas tinha em suas escritas as verdades. Como afirma Moisés (1984) a característica desta fase tem o nacionalismo, historicismo, imaginação criadora, o escapismo que seria a fuga da realidade, a idealização tanto da mulher, mas também do amor, e da pátria.

Já a segunda fase (1838-1860) é caracterizado pelo o movimento ultrarromântico em que o excesso de romantismo era presente nas obras como uma forma de mostrar o quanto o amor existia através da fantasia, do subjetivismo tendo como desejo suas vontades que tinham que ser aceitas. Podemos assim perceber que esses modos de enfrentar os desejos ficaram conhecido como o mal do século, pois esse exagero ultrapassa até a morte para sua concretização. Como representante desta fase temos Camilo Castelo Branco que em suas obras mostrou o quanto esse ultrarromantismo se tornou um marco de grande importância para a literatura portuguesa.

Ainda é importante destacar a terceira fase (1860-1870), um momento de transição do romantismo para o Realismo, era uma fase bem mais equilibrada em que o exagero romântico deixaria de existir, assim partiria para uma fase mais simples através da lírica e da música, e muitas vezes fazendo uso de questões políticas para mostrar algo novo, defendendo sempre os menos favorecidos.

O romantismo já estava presente em outros períodos, mas só podia ser encontrado apenas com pequenas atitudes nos quais se considerava um estado de espírito. Ribeiro (2010), vem dizer que as mudanças de pensamentos foi o que contribuiu para que originasse o movimento romântico, em que deixava de acreditar apenas em atitudes para algo concreto, algo que fosse centralizada no próprio indivíduo como um ser que acreditava mais em si, em seus amores, mesmo que isso muitas vezes se tornasse um acontecimento trágico.

O romantismo não implica nenhum corpo de doutrina concreto; era, antes, um conjunto de atitudes que podiam encontra-se noutros períodos da história, e que então, devido a associação de todas elas. Originava uma mudança em quase todos os aspectos do pensamento. (RIBEIRO, 2010, p. 19).

Assim, o romantismo foi adentrando na sociedade, mostrando que podia mudar um pouco do que se acreditava, e que era possível manifestar-se os desejos que antes eram ocultos. Dessa forma, Ribeiro (2010), diz que o movimento romântico foi centrado em três gerações que difere uma da outra, mas que juntas transformaram um período da história, a primeira que foi

situada no lirismo, subjetivismo e o exagero que era bem presente. Já a segunda ficou tão conhecida em decorrência do gosto pela morte pois muitos casais não conseguiam concretizar suas paixões, assim tinham como saída a perda da vida.

Além do mais, as questões religiosas influenciavam bastante pelo fato que muitas iam para o convento como uma forma de fugir de seus amores, as famílias acreditavam que isso “acabaria” com o amor dos amantes, mas tornava esse amor ainda mais forte. Como parte da segunda fase o pessimismo e naturalismo que seria essa quebra de crenças, no qual grandes famílias tinham que se manter dentro dos valores da sociedade e a terceira no qual se tornou a fase de transição para o realismo, que transformaria completamente a forma de pensar daquela época. Assim, entende-se o romantismo.

### 2.3 O ULTRARROMANTISMO COMO FUGA DA REALIDADE EXISTENCIAL

Quando se fala em romantismo muitos já falam nesse amor narrado em obras, mas quando se vai mais adiante no ultrarromantismo, já se pensa nessa fuga de si próprio, nesse desequilíbrio de pensamento e emoções. Ao falar em amor já se entende que é algo profundo e especial para aqueles que conseguem vivenciar esse sentimento, mas falar do amor mortal é ir mais além, é evidenciar fatos, situações que mostram a busca pela morte como uma fuga de si para consolidar esse amor. Schonarth (2015, p. 34) vem dizer que: “[..]No campo literário, o amor foi, é e sempre será uma retomada das grandes obras que marcaram a trajetória romanesca, com releituras de períodos e personagens pertinentes à trajetória da temática, fruição e afeição forte pela metade que faz falta”.

Assim, falar do amor em obras é uma forma de também marcar aquela época que era caracterizada por decepções amorosas e pela não aceitação das famílias. Muito já se ouviu falar que os modos de casamento eram contratados por convenções no qual as famílias eram que escolhia os cônjuges, esses modos de se vê o amor era encontrado bastante naquela época por que se acreditava que o amor iria se desenvolver após a consumação do casamento. Só que Teresa não enxergava dessa forma, o amor era visto como algo puro que ninguém escolhia, apenas se encontrava e assim seria vivido.

Moisés (1984) vem falar que esta fase do romantismo ficou conhecida como o mal do século, pois o escapismo, a solidão era o que estava em constante conflito. Esse conflito com si próprio e também com a sociedade era o que tornava as pessoas terem seus momentos de evasão da realidade, e tinham como saída a morte.

O sentimentalismo exacerbado-praticamente todos os poemas românticos apresentam temáticas sentimentalistas, sendo as mais comuns relacionadas com a saudade, a tristeza e a desilusão. Os poemas expressam o sentimento do poeta, as suas emoções, e são como o relato de uma vida. Os românticos analisam e expressam a realidade através dos sentimentos. E acreditam que só sentimentalmente se consegue traduzir aquilo que ocorre no interior do indivíduo relatado. A emoção está acima de tudo. (RIBEIRO 2010, p. 21).

Desse modo, podemos perceber que o ultrarromantismo é bem representado pelas emoções, pelo sentimentalismo, pela visão de mundo que os autores traziam para suas obras, seria assim o limite do romantismo no qual traduzia as suas melhores características. Era a partir da morte e não da vida o anseio do amor, cultivado no além do túmulo se chegava ao extremo do seu próprio eu, da individualidade do ser para a consumação do amor, e isso os autores conseguiam narrar muito bem tornando a fase ultrarromântica tão conhecida e o amor/mortal tão estudado. Vale destacar que na obra *Amor de Perdição* o que mais representa a fase do ultrarromantismo é o fato de que o trio amoroso representando por Mariana, Simão e Teresa acreditava que a solução dos seus conflitos, só seria possível com a própria morte.

#### 2.4 CAMILO CASTELO BRANCO - OBRA E VIDA

Na literatura portuguesa muito já se ouviu falar sobre seus vários escritores, que se destacaram por suas escritas e seus modos de expressar seus sentimentos através de suas obras. Camilo Castelo Branco se destacou por ser um escritor de diretrizes românticas fazendo parte da segunda fase do romantismo, suas obras evidenciavam amores impossíveis que se destacavam por não ser concretizado, ficando assim conhecido como um dos principais que escreveu novela passional. Segundo Massau Moises (1984), essas paixões se tornava algo que não podia controlar, e o desespero dominava os amantes nessa busca de se concretizar esse amor muitas vezes não aceito por embates sociais, mas que muitas vezes fugia dos padrões filosóficos e religiosos. Assim podemos perceber que as escritas de Camilo projetavam muitas vezes algo que ultrapassa os limites do natural, filiando-se a uma atmosfera de românticos.

Esse segundo “momento”, cujas balizas cronológicas se colocam entre 1845 e 1860, pouco mais, pouco menos (sabemos todos da fragilidade e do provisório de toda cronologia, inclusive e sobretudo a literária) corresponde, como não poderia deixar de ser, ao movimento em sentido contrário ao grupo anterior. Desfeitas as amarras arcádicas ou clássicas, esses homens são lançados na correnteza romântica em qualquer ideia pré-concebida o prejuízo da informática em qualquer ideia preconcebida ou prejuízo deformador. Resultado: foram super-românticos por que foram somente românticos. Com

eles, o Romantismo português chega ao ápice (não como valor, mas como aceitação Ortodoxa de um programa), o que significa o começo do fim. (Moisés, 1984 p. 13)

Os românticos tiveram um grande papel no desenvolvimento do romantismo português, pois as fragilidades fizeram com que se tornasse um movimento literário diferente dos que já havia sido conhecido. Moisés (1984), diz ainda que Camilo foi um grande influenciador nesse processo por criar meios que o tornasse popular naquela época ganhando forças para suportar as críticas e se tornando um dos grandes novelescos que evidenciava bastante o amor passional, e sobre tudo as suas próprias experiências que também podia ser encontrada em suas obras. Camilo ficou conhecido pela novela, pelo romance, conto, teatro, entre outros que o fizeram ser conhecido até dos dias atuais.

Ribeiro (2010), afirma que:

O homem romântico expande o que nele há de mais pessoal e íntimo, a começar pela sensibilidade e fantasia e a acabar nos impulsos do subconsciente. Ao contrário dos clássicos, sente satisfação no sofrimento e prefere registrar situações de dor e de melancolia, ambientes de nebulosidade nórdica como o entardecer, o escurecer, a noite, as florestas sombrias, as cavernas, as ruínas, os agouros, os sonhos e morte. (RIBEIRO 2010, p. 21)

O que muito se encontra em obras daquela época era os autores escreverem muito sobre as suas próprias experiências, em que os casos sofridos por eles acabavam por estingar a escrever de uma forma que os motivava, expandindo ainda mais ideias e ilusões para criar as histórias. Com Camilo não foi diferente, teve uma vida difícil com grandes tragédias e também grandes amores que nunca deram tão certo, mas foram esses casos que o fizeram se tornar tão eminente na literatura. “De início devemos salientar que, como bom romântico, Camilo transformará a sua acidentada vida em literatura. É uma constante em sua produção romanesca a presença de referências autobiográficas”. (OLIVEIRA, 2010, p. 83). Camilo foi ganhando sua vida através de suas artes, de sua própria história, no qual foi narrada em várias obras que o escritor historiou, se transformando em um escritor que se lamentava através dos livros, e foi por isso que muitas obras ficaram tão famosas, por mostrar suas experiências e emoções ao longo de sua vida.

## 2.5 AMOR DE PERDIÇÃO: A DUALIDADE ENTRE O AMOR E A PERDIÇÃO

A obra foi escrita em 1861, é considerada uma das obras de maior importância para o Romantismo em Portugal. Narra a história de amor de Mariana, Simão e Tereza em que esse amor se torna impossível, pela não aceitação familiar ou até mesmo questões sociais que eram tão encontrados naquela época. O trio amoroso construído através de Mariana que possuía um amor que aceitava tudo por seu amado, Simão e Teresa que enfrentaram as famílias para concretizar esse amor, por esses acontecimentos é o que faz a trama ser marcada por sofrimentos, infelicidade e morte. Moisés (1984) afirma que *Amor de Perdição* é uma bela representação do ultrarromantismo por mostrar o amor de forma fatal, além do mais tem um discurso sentimental e uma visão interna dos personagens que se tornam o trio amoroso da obra por exaltar principalmente o lirismo.

Através de cartas trocadas entre os dois personagens Simão e Teresa já podemos perceber esse jogo do amor, que apesar de não se encontrarem eles conseguem viver o amor, já o amor em Mariana é aquele sentimento que mudou seus modos de vida para viver por ser amado Simão. Dessa forma é possível se questionar até que ponto esse amor virou perdição? Será que esse amor foi realmente vivido? Desse modo, Oliveira (1997, p. 87) diz que: “O amor de perdição é assim definido pois, por romper todas as barreiras sociais, por se sustentar de sua própria impossibilidade de consumação, acaba por expulsar aqueles que o vivem da sociedade, condenando-os, mais cedo ou mais tarde, à morte”.

Essa dualidade existente na obra *Amor de Perdição*, estar presente em outras obras de grande impacto na literatura. Segundo Oliveira (1997) o enredo presente na obra de Camilo Castelo Branco apresenta grande semelhança com a peça *Romeu e Julieta* de William Shakespeare.

Na peça de Shakespeare, como na novela de Camilo, encontramos o amor entre dois filhos de famílias rivais; a presença de um primo que é morto pelo jovem apaixonado que, em função disto, é condenado ao exílio; e, também, a morte dos dois amantes. Se certamente não existe na peça nenhuma personagem que ocupe o papel que no livro cabe a Mariana, aspecto a que em breve voltaremos, além desta diferença, existe uma outra, significativa, que nos revela um dado fundamental deste obra de Camilo (OLIVEIRA, 1997, p. 85).

O que de certa forma diferencia cada obra, seja a épocas em que foram escritas, entretanto descrevem um retrato das relações amorosas marcadas por proibições das famílias, cujo costume era que a família escolhesse com quem as jovens donzelas iriam se casar.

Ademais, Oliveira (1997, p. 85) destaca que “Romeu e Julieta se conheceram numa festa, nela dançaram, chegaram a ter um encontro e, após se casarem em segredo, puderam consumir a sua união, nada disto existe nessa novela de Camilo”.

Uma questão muito forte retratada em cada uma das obras é a luta incansável dos personagens é viver ao lado de seu amor. Aliás, essa busca viver tal amor fez com que assim como Romeu e Julieta, Simão e Teresa não desistam um do outro, acreditando que por mais dificuldade que existissem, eles iriam conseguir concretizar o amor entre eles.

Oliveira (1997, p. 85) destaca que:

O amor entre Simão e Teresa é totalmente platônico. Se apaixonaram ao se olharem pelas janelas das suas casas, que eram fronteiriças, e durante todo o livro apenas uma vez se encontram frente a frente, e mesmo esta vez em uma noite escura, de forma extremamente rápida, sem que cheguem a trocar um único beijo. A trajetória amorosa dos dois é basicamente epistolar, através das múltiplas cartas que trocam ao longo da novela. (OLIVEIRA, 1997, p. 85).

É fácil encontrar essas obras que destacam o amor e mais além quando destaca trios amorosos, pensando que *Amor de perdição* relata a história do trio amoroso, podemos perceber o quanto muitos autores buscam relatar algo que já aconteceu em tempos passados, mas que ganham ainda mais espaços ao lado de grandes romances. Oliveira (1997), nos descreve que o que mais se encontra em obra desse tipo de narrativas são casos de amores proibidos, pelo fato dos pais não permitirem esse amor, ou também em casos que se arranja um casamento. Em muitos desses casos os amantes são separados durante toda a narrativa, mas que sempre encontram outras formas de se comunicar. Em *Amor de Perdição*, encontramos Simão e Tereza que pouco se comunicam, mas que aos poucos vão ultrapassando os próprios costumes para conseguirem esse amor, através das cartas esse amor consegue ser ainda mais intenso, pois um começa a saber tudo o que se passa e o que eles deveriam fazer se querem concretizar esse sentimento. Já o amor de Mariana e Simão passam por vários momentos, mas nada que possibilite que esse amor seja vivido pelos os dois, já que Simão não possuía o sentimento do amor por Mariana.

Na obra é possível identificar que os personagens passam por um processo de mudanças, em que nos faz questionar até que ponto esse amor pode virar perdição. O personagem Simão era um homem agressivo, mas que ao conhecer Tereza se apaixona e muda seu jeito de viver, tornando até um poeta. Já Tereza tinha a imagem de uma menina pura, sensível retratando assim as mulheres daquela época. Mariana era a jovem apaixonada, que fazia de tudo para que seu

amor pudesse ser concretizado. Ao longo de toda a narrativa os personagens vão a todo custo buscar maneiras para viverem esse amor impossível, mas que o desfecho final é a morte.

Assim, Schonarth (2015), diz:

A obra é repleta de amores intensos e desenfreados entre jovens que lutam por suas paixões, que buscam incansavelmente a felicidade e resistem aos muitos tropeços nos caminhos sinuosos do amor. No entanto, esses personagens, muitas vezes, são conduzidos à desgraça e, não raro, à morte. (SCHONARTH, 2015 p. 28)

A obra traz consigo um contexto de perdição, no qual os personagens considerados os de grandes destaques se transformam para viver um amor impossível, os levando a morte como uma forma de concretizar esse amor. O fato de lutar até a morte evidencia o quanto o amor naquela época era maior que a imposição de famílias que enxergava o amor apenas como algo sem sentido. Castelo Branco (2004), mostra que as proibições familiares acabavam causando uma explosão de ódio capaz de ir contra a ditadura imposta pela sociedade, para que o direito de amar fosse tão conquistado, criando-se um conflito entre a sociedade e os românticos individualistas que tinham como meta apenas viver esse amor livremente.

### 3 O AMOR E UM ASPECTO TRANSFORMADOR EM MARIANA

Nesse capítulo apresentaremos o desenvolvimento do amor com um aspecto mortal, mostrando os meios que utilizavam para se solidificar na narrativa. Para que possamos conhecer o quanto o amor pode influenciar comportamentos, analisaremos a personagem Mariana nos possibilitando conhecer a sua transformação na narrativa. Como uma forma de conhecer o amor e Mariana como vítima desse amor utilizamos Ribeiro (2010), Cunha (2005-2008) Schonarth (2015), Cruz (2016) para concretizar nossa análise.

#### 3.1 A VISÃO DO AMOR MORTAL

O amor é bem encontrado em obras românticas, muitas vezes passa por situações que evidenciam os seus dramas que ultrapassam fatores sociais, culturais para que se torne real. Na literatura podemos encontrar muitos casos em que esse sentimento acaba sendo visto como algo que não se acredita, assim sendo, muitos casos vão contra todos os princípios de uma sociedade, que muitas vezes não compreende os amantes que apenas esperam que seja concretizado esse amor que tanto procuram. Ribeiro (2010), vem dizer que as insatisfações acabam por provocar situações em que os amantes, buscam meios para a sua realização.

O amor romântico pretende aproximar-se da unidade absoluta dos amantes, da sua identificação no infinito, mostrando-se, portanto, insatisfeito perante todas as situações em que o amor encontra efetiva e rebelde realização, não encontra prazer senão na contemplação exaltada da própria insatisfação. (RIBEIRO, 2010 p. 84).

Assim, é preciso adentrar nesses casos que tanto são evidenciados em obras. Nesta análise, pretendemos penetrar em um contexto de um amor mortal, que luta por uma concretização do amor, mas que alguns fatores acabaram por influenciar a vida amorosa dos amantes.

[...] E, pois, evidente que o amor de Teresa, declinando de si o dever de obter e sacrificar-se ao justo azedume de seu pai, era verdadeiro e forte. E este amor era singularmente discreto e cauteloso. Viram-se e falaram-se três meses, sem darem rebate à vizinhança e nem sequer suspeitas às duas famílias. O destino que ambos se prometiam era o mais honesto: ela ia formar-se para poder sustentá-la, se não tivessem outros recursos; ela esperava que o velho pai falecesse para, senhora sua lhe dar, com o coração, o seu grande patrimônio. (CASTELO BRANCO, 2004, p. 30).



Podemos perceber que o amor de Teresa começara a ganhar espaço na narrativa, era correspondido de forma que ninguém percebia até mesmo os vizinhos, as trocas de olhares seriam os primeiros grandes momentos que os amantes conseguiram vivenciar, e isso foi sendo narrado de forma a mostrar que o casal acreditava que os modos de se conceber um sentimento poderiam ser na simplicidade, nos pequenos olhares, nos gestos que naquela época não se era bem aceito.

Teresa sabia que se escolhesse ficar com Simão ela não teria recursos para se manter, pois naquela época tinha como costume de deserdar o filho que desobedecesse aos pais. Na obra *Amor de Perdição* os personagens buscavam o amor puro e real, mesmo indo contra o pai e suportando os modos de viver e a pressão de se casar com quem ele escolhesse. Mas é importante destacar que o amor iria muito mais além de recursos, que o coração de Simão seria seu melhor tesouro. “A tranquila menina dava semanalmente essas boas a Simão, que, aliando às venturas do coração as riquezas do espírito, estudava incessantemente e desvelava as noites arquitetando o seu edifício de futura glória”. (CASTELO BRANCO 2004, p. 36). Isso era o que Teresa considerava como riqueza, o amor por Simão.

A história dos amantes acontecia de uma forma natural, a cada momento ou oportunidade que eles conseguiam viver esse amor, era vivido de forma muito intensa, mas que fazia com que aumentasse ainda os motivos pelos quais não se queria esse romance. Vale destacar que as cartas trocadas era a única comunicação dos amantes, que conseguia descrever seus sentimentos, suas inquietações e sonhos que os dois tinham para que pudessem viver esse amor. “[...] Sofrerei tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e achar-me-ás no convento, ou no céu, sempre tua do coração, e sempre leal. [...]” (CASTELO BRANCO 2004, p. 31). Nesse trecho Teresa escreve para Simão ao saber que seu pai irá lhe colocar em um convento por amar um homem que a família não aceitava, já se percebe que o amor apresentado por Teresa era esse amor que iria além da vida, que apesar dos lugares que estaria sempre o levava com ela, e ela suportaria tudo por amor a ele, seria leal a esse amor, mesmo que o fosse vivido além da vida.

O que ele pedia era falar-lhe da rua para a janela do seu quarto, e receava impossível este prazer, que ele avaliava o máximo. Aperta-lhe a mão, sentir-se o hálito, abraça-la talvez, cometer a ousadia de um beijo, estas esperanças, vão além de suas modestas e honestas ambições, [...] enlevo e susto em corações que se estreiam-na comédia humana são sentimentos congeniais. [...] Não há baliza racional para as belas, nem para as horrorosas ilusões, quando o amor as inventa[...] (CASTELO BRANCO 2004, p. 39).

Neste trecho podemos adentrar as questões dos desejos de Simão, em que era estabelecido por algo que não conseguia viver, o fato de não conseguir tocar em sua amada. O amor aqui é evidenciado como algo puro que se espera apenas toques, ações que seriam normais de todos os amantes, mas que seriam apenas esperanças de que um dia poderia acontecer. Castelo Branco mostra aqui o lado sensível de um casal, comprovando o heroísmo de um romântico, que sonhava apenas com sua amada e no amor que poderiam viver, mesmo que fosse contra oposição da própria razão e da impossibilidade de concretização.

Não receies nada por mim, Simão. Todos estes trabalhos me parecem leves, se os comparo aos que tens padecido por amor a mim. [...] Ama-me assim desgraçada, porque me parece que os desgraçados são os que mais precisam de amor e de conforto. [...] o pior futuro é o que ainda está por passar. (CASTELO BRANCO 2004, p.59-61)

Teresa sabia que Simão estava enfrentando muito por amor a ela, que tudo isso seria a causa de tantos acontecimentos que os amantes estavam enfrentando, ela sabia que muita coisa ainda estava por vir, e o que eles passariam por amor seria a recompensa que ela precisava por um passado insatisfeito e por um futuro que não conhecia, mas que estaria sendo criado por uma visão de um amor puro, e imortal.

[...] És minha! Não sei de que me serve a vida, se não a salvar-te. Creio em ti, Teresa, creio. Ser-me-ás fiel na vida e na morte. Não sofras com paciência; luta com heroísmo. A submissão é uma ignominia quando o poder paternal é uma afronta. Escreve-me a toda a hora que possas. Eu estou quase bem. Dizer-me uma palavra, chama-me, e eu sentirei que a perda do sangue não diminui as forças do coração. (CASTELO BRANCO 2004, p. 63)

O personagem Simão já começa a perceber que o amor de Teresa já estaria sendo motivos de tristezas, de solidão. Escrever para ela seria o jogo do amor, em que o fato de ser lembrado mostra que esse amor continuava vivo apesar das imposições, do que lhe aprisionava. Moisés diz que “[...] a confissão de intimidades sentimentais corresponde a descoberta de sensações ligadas à fragilidade e ao misto dos destinos humanos, submetidos aos azares e à perpétua mudança de tudo[...].” (MOISÉS 2006, p.17). Assim, podemos entender o fato de que na narrativa muito se vê os amantes expondo seus sentimentos, seus medos como uma forma de amenizar os seus desejos e vontades. E era isso que Simão queria, apenas sentir que a sua amada não ia desistir, pedia que a escrevesse para que conseguisse vê que a luta não estaria sendo em vão, mesmo assim esse amor só estaria tornando seres dominados e presos em seu próprio ser.

[...] Nas máximas aflições, nas derradeiras horas do coração e da vida, é grato ainda sentir-se amado quem já não pode achar no amor diversão das penas, nem soldar o último fio que se está partindo. Orgulho ou insaciabilidade do coração humano, seja o que for, no amor que nos dão nós graduamos o que valemos em nossa consciência. (CASTELO BRANCO 2004, p 66).

O amor mais uma vez coloca em evidência o próprio ser, em busca de felicidade ao lado da pessoa amada. O autor nesse trecho vem demonstrar o quanto a morte é um ponto bastante intenso na obra, quando começa a descrever que mesmo nas aflições da vida, a sorte tem quem consegue ser grato por ser amado, trazendo a morte em um contexto de reflexão da vida, e da existência. No prefácio da quinta edição, Castelo Branco diz que as dores da alma, podem ser descritas e que podem tocar no sentimentalismo do ser, mostrando que apesar de se estar entre a razão e a emoção o amor é vivido, tudo vai depender da forma como se é guardado na consciência e como é vivenciado pelos os amantes.

Os casos amorosos que podemos observar na obra mostra bastante o quanto os desejos de um amor puro podem abalar tanto uma sociedade, por apresentar contrariedade nas convenções sociais que eram tão presentes e questionadas naquela época. Mas sabemos que vários impedimentos fizeram com que o caso dos amantes terminasse em tragédia, seria o destino que teriam desde o momento em que se recusaram a aceitar os impasses sociais, assim sendo a morte seria a consumação de um amor absoluto e impossível de se aceitar.

O fato de se apaixonar perdidamente acabava trazendo tristezas, angústias e dramas que só conseguiam descrever um para o outro através de suas cartas, e isso foi a forma única de concretização desse amor, em muitas partes da obra o amor ganha vida quando os amantes descrevem suas saudades, seus pensamentos e seus medos perante a morte, mesmo sendo conhecedores do próprio destino.

Simão, meu esposo. Sei tudo... Está conosco a morte. Olha que te escrevo sem lágrimas. A minha agonia começou há sete meses. Deus é bom, que me poupou ao crime. Ouvi a notícia da tua próxima morte, e então compreendi porque estou morrendo hora a hora. Aqui está o nosso fim, Simão!... Olha as nossas esperanças! Quando tu me dizias os teus sonhos de felicidade, e eu te dizia os meus!... Que mal fariam a Deus os nossos inocentes desejos?!... Porque não merecemos nós o que tanta gente tem?... Assim acabaria tudo, Simão? Não posso crê-lo! A eternidade apresentasse-me tenebrosa, porque a esperança era a luz que me guiava de ti para a fé. Mas não pode findar assim o nosso destino. (CASTELO BRANCO 2004, p. 92).

Esse é um trecho de uma carta que Teresa escreve para seu amado que nos possibilita entender que o amor já tem como destino a eternidade, e isso é demonstrado quando se

questiona Deus sobre o seu destino, assim a vida já não tinha mais sentido, era preciso um novo recomeço, e a morte seria um destino sem conflitos. Cunha (2005), diz que “Nessa visão dramática do mundo, encontram-se fundidas vida e morte, ascensão e decadência da pretensa realização de desejos. Outorgar um sentimento com tantas forças contrárias é também consentir a infelicidade”. (CUNHA 2005, p. 144). Assim, o amor vai se limitando, buscando em si uma aceitação do próprio destino.

Quando se vai conhecendo o destino dos amantes, percebemos que o modo de expressar vai se tornando ainda mais romântico, mas sensível. “Esquece-te de mim, e adormece no seio do nada. Eu quero morrer, mas não aqui. Apague-se a luz dos meus olhos; mas a luz do céu, quero-a! Quero ver o céu no meu último olhar! ”. (CASTELO BRANCO, p. 117). Assim, podemos entender acima que o amor já tem como visão a morte, seria, portanto, a salvação para sua vida amorosa. Cunha (2005, p.144), no possibilita pensar que a morte seria uma intercessora entre os planos, em que o humano e o divino andam juntos na consolidação dos sonhos amorosos, entre os personagens da narrativa. Outro ponto que podemos perceber é o quanto Teresa enxerga a morte, essa forma delicada de narrar esse destino mostra também a doçura que está em seu coração, nos possibilitando perceber que a alma passa pela mais pura beleza, mas que encontra o caminho que tanto almejava por intermédio do amor.

É já o meu espírito que te fala, Simão. A tua amiga morreu. A tua pobre Teresa, à hora em que leres esta carta, se Deus não me engana, está em descanso. Eu devia poupar-te a esta última tortura; não devia escrever-te; mas perdoa à tua esposa do céu a culpa, pela consolação que sinto em conversar contigo a esta hora, hora final da noite da minha vida, Quem te diria que eu morri, se não fosse eu mesma, Simão? Daqui a pouco, perderás de vista este mosteiro; correrás milhares de léguas, e não acharás, em parte alguma do mundo, voz humana que te diga: — A infeliz espera-te noutra mundo, e pede ao Senhor que te resgate.”. (CASTELO BRANCO 2004 p. 124).

Quando se vai conhecendo o final trágicos dos amantes se percebe o quanto a narrativa foi descrevendo de forma simples e intensa a vida dos amantes que buscava apenas a aceitação da família como também da própria sociedade para viverem o amor que tanto lutaram para conseguir, mas que tiveram um fim trágico, levando com eles as questões sociais e familiares. Nesse trecho descrito acima, podemos perceber que Teresa antecipou a própria morte, visto que quando se escrevia já tinha a certeza do seu destino, mostrando também o quanto a morte/amor pode dominar o ser, apenas por uma busca de felicidade eterna. Souza (2008, p. 5) vem nos possibilitar pensar em como Simão e Tereza conseguem concretizar esse amor, se sabemos que

esse amor é vivido de forma tão intensa, verdadeira pelos os dois, assim “Em relação ao amor de Simão Botelho e Tereza, o gestor da narrativa porta-se com desconfiança. Imediatamente depois de revelar que essas personagens nutrem um sentimento mútuo”.

Dessa forma, podemos perceber que a história de amor vivido pelos personagens, narrando os fatos como realmente aconteceu pode ser considerado como um grito de liberdade do amor, em que era preciso deixar de lado os desentendimentos familiares, os conflitos que tornavam ainda mais um desafio para os dois.

### 3.2 A PERSONAGEM MARIANA COMO REPRESENTAÇÃO DO AMOR MORTAL

Na obra *Amor de Perdição*, o autor evidencia um amor fatal vivido pelos personagens que se tornam o trio amoroso na narrativa Mariana, Tereza, Simão. É incrível como Camilo conta a história desses personagens em que as famílias não aceitavam esse amor, mas que eles conseguem torna-lo eterno. O amor proibido é o início do sofrimento dos personagens por ser um sentimento obsessivo, que esqueciam si próprio, não pensavam em mais nada só viver esse amor, que preferiam a morte a esquecer o amor que os unia. “A personagem romântica, mergulhada nesta melancolia pessimista, procura evadir-se, umas vezes, para além-morte, através do suicídio, outras vezes, para o convento, o sacerdócio, a solidão, a loucura”. (RIBEIRO 2010, p. 22).

Camilo traz na narrativa uma mulher que aos poucos vai se transformando, em uma busca de um amor que não é correspondido. A personagem Mariana não é inserida na obra desde o início, se começa a conhecer a partir do capítulo V, isso é a que torna ainda mais importante na obra, pelo fato de que só aos poucos o autor vai dando vestígios de sua existência. “O ferrador tinha uma filha, moça de vinte e quatro anos, formas bonitas, um rosto belo e triste. (CASTELO BRANCO 2004, p. 42). Nesse trecho, podemos perceber que Mariana ainda não foi nomeada, foi apenas apresentada como filha, e que era uma moça triste, entretanto Mariana não é apenas uma personagem como as outras, ela é uma parte importante na narrativa por ser capaz de afetar mudanças dentro da história do romance.

A personagem Mariana inicialmente é apresentada por Camilo de forma sutil para que o leitor não perceba que ela será parte importante na narrativa. Mas que vai introduzindo até a imagem de Mariana ficar completa. É importante descartar que através das palavras do Pai de Mariana o leitor vai conhecendo a personagem. “Eu tenho cá a minha vida, e queria que ela fosse a enfermeira do meu doente... És, ou não és, rapariga? \_ disse ele à filha quando ela abriu

os olhos, com semblante de envergonhado da sua fraqueza”. (CASTELO BRANCO 2004, p.61). Nesse trecho podemos perceber os modos que o pai de Mariana descreve a filha, o fato de chamar de “rapariga” mostra a submissão da mulher perante o homem, em que aceita os modos que são expostos sem questionar, apenas aceita “ Serei como muito gosto, se o pai quiser”. CASTELO BRANCO 2004, p.61). Nesse contexto Cunha (2005) diz que: Ao perceber que a mulher também pode se deixar corromper, o homem, sujeito do discurso, disponibiliza para ela a categoria de objeto passível de domínio e manipulação temíveis. (CUNHA 2008, p. 139). Outro fato é que Mariana deixou de ser uma mulher ingênua para se transformar em uma mulher “madura”. Essa mulher descrita como “madura” seria a Mariana que enfrentava tudo, que deixava de ser pura, delicada para se dedicar exclusivamente para Simão. “Ele acabara por perder sua forma primitiva, porém, ao nosso entender, é exatamente o que o faz carregar esse fascínio perigoso, o fervor da paixão”. (Schonarth 2015, p. 18).

Mariana, durante a veloz caminhada, foi repetindo o recado da fidalga; e, se alguma vez se distraía deste exercício de memória, era para pensar nas feições da amada do seu hóspede, e dizer, como em segredo, ao seu coração: "Não lhe bastava ser fidalga e rica: é, além de tudo, linda como nunca vi outra!" E o coração da pobre moça, avergoando ao que a consciência lhe ia dizendo, chorava. (CASTELO BRANCO 2004, p. 73)

Em vários momentos a personagem Mariana aceita as condições que são expostas, mesmo sabendo que o seu amado não podia lhe enxergar de outra forma. Apesar de saber tudo isso, Mariana faz o que o seu amado lhe pede, e vai ao encontro de Teresa para entregar a carta de Simão. Na volta, reflete as formas físicas de Teresa e se acha bem menos valorizada por pertencer à uma classe inferior, e por considerá-la de grande beleza. O trecho citado acima mostra exatamente isso, o quanto Mariana fica sensível ao conhecer Teresa e diz: [...]A se eu fosse amada como ela”. (CASTELO BRANCO 2004, P. 71), vê que jamais será amada da mesma forma e que o seu destino não será ao lado do seu amado.

Mesmo tendo em sua essência a delicadeza e a sensibilidade pela vida, ao conhecer Simão começa ela se transformar, mudar seu jeito sensível para ser de si, antes era uma jovem simples que nunca tinha encontrado um amor, hoje uma mulher obstinada por um homem que jamais podia corresponder a esse sentimento, e isso ela tinha consciência de que o seu percurso seria solitário.

Ao aceitar cuidar de Simão, Mariana se torna uma heroína “[...] Não há desgraçado sem amparo. Vá, pense no seu hóspede, seja o seu anjo de misericórdia. Saltaram de novo as

lágrimas dos olhos da moça; e, por entre soluços, estas palavras: — Tenha paciência. Não há de morrer ao desamparo. Faça de conta que lhe apareceu hoje uma irmã”. (CASTELO BRANCO 2004, p.84). Nesse trecho podemos perceber o quanto Mariana é generosa, possui atitudes de grande generosidade que vai além de si, de uma mulher apaixonada, mas que tem a consciência que esse o amor por Simão nunca será correspondido. O seu amor por Simão começará a mudar seus modos, seus jeitos de viver, apenas enxergava Simão e a melhor maneira de cuida-lo, tornando uma confidente e aceitando até mesmo o fato dele considerá-la como uma irmã, e não como a sua amada.

Perguntou por Mariana, e o carcereiro lhe disse que a mandava chamar. Veio João da Cruz, e a chorar se lastimou de perder a filha, porque a via delirante a falar em forca e a pedir que a matassem primeiro. Agudíssima foi então a dor do acadêmico ao compreender, como se instantaneamente lhe fulgurasse a verdade, que Mariana o amava até o extremo de morrer. Por momentos se lhe esvaiu do coração a imagem de Teresa, se é possível assim pensá-lo. Vê-la-ia porventura como um anjo redimido em serena contemplação do seu criador; e veria Mariana como o símbolo da tortura, morrer a pedaços, sem instantes de amor remunerado que lhe dessem a glória do martírio. Uma, morrendo amada; outra, agonizando, sem ter ouvido a palavra "amor" dos lábios que escassamente balbuciavam frias palavras de gratidão. (CASTELO BRANCO 2004 p. 88).

Esse mergulho no interior é o que provoca no romântico a melancolia e a tristeza que era cultivada, conduzindo então o tédio que seria esse “mal do século”, que tanto se encontra no ultrarromantismo. Simão sabia que Mariana estaria nessa solidão, que o amor que ela sentia por ele era mais do que ele imaginava, se sentia angustiado por saber que Mariana estaria morrendo por amor a ele, e esse tédio se transformava em algo insuportável, deixando o personagem em desespero.

Mariana, lembre-se que é o meu amparo. Lembre-se de que as últimas palavras de seu pai deviam ser recomendar-lhe o desgraçado que recebe das tuas mãos benfeitoras o pão da vida. Mariana, minha querida irmã, vença a dor, que pode matá-la, e vença-a por amor de mim. Ouve-me, amiga da minha alma? ”. [...] — A quem deixaria Mariana o seu nobre coração para me suavizar este martírio? Quem me levaria ao desterro uma palavra amiga que me animasse a crer em Deus? Não há de enlouquecer, Mariana, porque eu sei que me estima, que me ama, e que afrontará com coragem a maior desgraça que ainda pode sugerir-me o inferno! Chore, minha irmã, chore: mas veja-me através das suas lágrimas!”. (CASTELO BRANCO 2004 p. 111).

Mariana foi o tipo de mulher que trazia em seu coração o sentimento de gratidão, que sentia a necessidade de fazer por seu amado algo que retribuísse tudo o que já havia sido feito por ela, e isso fazia com que estivesse cada vez mais junto com o seu grande amor. O trecho

citado acima mostra o desespero de Simão implorando que Mariana não o deixasse, voltasse a vida que antes tinha, só que o romântico sabia que o esse amor lhe levaria a tragédia, mesmo sabendo disso continuava considerando como uma irmã, como uma mulher o amava, mas que nunca lhe abandonou.

- Os sacrifícios que Mariana tem feito e quer fazer por mim só podiam ter uma paga, embora nós não façamos esperando recompensa. Abre-me o seu coração, Mariana?
- Que quer que eu lhe diga?
- Conhece a minha vida tão bem como eu, não é verdade?
- Conheço. E que tem isso?
- Sabe que eu estou ligado pela vida e pela morte àquela desgraçada senhora?
- E dai? Quem lhe diz menos disso?!
- Os sentimentos do coração só os posso agradecer com amizade.
- Eu já lhe pedi mais alguma coisa, senhor Simão?!
- Nada me pediu, Mariana; mas obriga-me tanto, que me faz mais infeliz o peso da obrigação”. (CASTELO BRANCO 2004, p. 112 – 113).

Mariana sabia que seu amado não ia corresponder ao seu amor, mas mesmo assim continuava na certeza que perto de Simão, ela conseguiria ajudá-lo, por consequência disso conseguia está ao seu lado, vivenciando cada momento ao lado do seu amado. Essa relação de amizade que eles tinham, acabava por aproximar o sujeito apaixonado do objeto desejado, mesmo assim o desejo era intenso ao ponto de se ocultar e não implorar, de apenas aceitar a realidade imposta, porém já conhecida. Assim, “A personagem passa a viver quase que exclusivamente para Simão, sofrendo calada, e sem possibilidades de ter seu amor correspondido, advertida, diga-se a verdade, pelo próprio Simão”. (CRUZ 2016, p. 8)

- Pense desde já, Mariana.
  - Não tenho que pensar... A minha tenção está feita...
  - Fale, minha amiga; diga qual é a sua tenção.
- Mariana hesitou alguns segundos, e respondeu serenamente: [...]
- Quando eu vir que não lhe sou precisa, acabo com a vida. Cuida que eu ponho muito em me matar? Não tenho pai, não tenho ninguém, a minha vida não faz falta a pessoa nenhuma. O senhor Simão pode viver sem mim? Paciência!... Eu é que não posso. (CASTELO BRANCO 2004 p. 113).

O fato de Mariana estar sozinha no mundo fazia com que ela só conseguisse vê o seu futuro ao lado do seu amado, mesmo já sabendo do destino da morte. Por essas questões de que a ideia da morte é a saída para fugir das tragédias da vida é o que torna o personagem um belo representante do romantismo, por acreditar que a morte seria a única forma de concretização, o tornando um amor de alma, de espírito sem nada que impedisse o romance. Cunha (2005, p.



145) aponta que “[...] Morrer pela pessoa amada passa a ser uma forma de viver com ela para sempre e, desta maneira, eternizar a afeição e a estima que não conhece limites no coração de quem ama”. Dessa forma, percebemos que a esperança de Mariana de ser correspondida ainda estaria em seu coração, por acreditar na eternidade.

“Era de mulher o coração de Mariana. Amava como a fantasia se compraz de idear o amor duns anjos que batem as asas de baile em baile, e apenas quedam o tempo preciso para se fazerem ver e adorar a um reflexo de poesia apaixonada. Amava, e tinha ciúmes de Teresa, não ciúmes que se refrigeram na expansão ou no despeito, mas infernos surdos, que não rompiam em labareda aos lábios, porque os olhos se abriam prontos em lágrimas para apagá-la. Sonhava com as delícias do desterro, porque voz humana alguma não iria lá gemer à cabeceira do desgraçado. Se a forçassem a resignar a sua inglória missão de irmã daquele homem, resigná-la-ia, dizendo: — "Ninguém lhe adoçará as penas tão desinteressadamente como o eu fiz”. (CASTELO BRANCO 2004 p. 114).

O autor sabia como falar de Mariana, queria passar a ideia de uma menina mas que o amor aos poucos a levaria a perdição, tornando uma mulher “perdida” em si. Cunha (2005) define que [...] a mulher na literatura, e não só na literatura, desempenha papéis de santa, bendita, doce, pura, generosa, autentica representante da divindade. Ou, então, converte-se numa mulher demoníaca, monstro que não se deixa dominar pela sociedade [...]. (CUNHA 2005, p. 138). Isso pode ser encontrado na personagem Mariana, que se converte por amor e vivi na angustia, e em um caminho sem rumo. Por essas coisas é que o amor de Mariana se torna algo mais visível ao longo da narrativa, mas um pouco desinteressante na medida em que chegaria a morte e a sua esperança de ser correspondida não era consumada.

“Que importa morrer, se não podemos jamais ter nesta vida a nossa esperança de há três anos? Poderias tu com a desesperança e com a vida, Simão? Eu não podia. Os instantes do dormir eram os escassos benefícios que Deus me concedia; a morte é mais que uma necessidade, é uma misericórdia divina, uma bem-aventurança para mim”.( CASTELO BRANCO 2004, p.125).

Em uma visão de mundo, podemos perceber que a morte e a vida andam juntas, e juntas encontra-se perdidas. Cunha (2005) diz que a ascensão e a decadência encontram-se fundidas na pretensão dos desejos que os personagens possuíam. Além do mais “[...] Outorgar um sentimento com tantas forças contrárias é, também consentir a infelicidade, a aceitação trágica da morte decorre, portanto, da transcendência desses sentimentos” (Cunha 2005, p. 144). Diante disso, podemos assim compreender que a morte domina a vida, os amantes conseguem através da morte o amor puro, e eterno. Schonarth (2015, p. 31), afirma que o amor “[...] É, na sua

essência, uma infinita incompletude ou, ainda, uma eterna batalha contra os conflitos, empecilhos e preceitos sociais que impedem a tão desejada concretização amorosa”.

A narrativa vai se descrevendo e Mariana vai cada vez traçando o destino que lhe foi imposto, cuidar de Simão seria a forma de agradecer, mas que acabou por transforma-la em outra mulher. O seu amado ao saber que Teresa tinha morrido logo perde a razão de viver, sabia que chegou a hora de partir ao encontro do seu amor, concretizar tudo o que não pôde em meio aos homens. Mariana estava sempre ao seu lado, no último suspiro ela o acompanhou e ouviu: “Mariana colocou os ouvidos aos lábios roxos do moribundo, quando cuidou ouvir o seu nome. "Tu virás ter conosco; ser-te-emos irmãos no céu... O mais puro anjo serás tu... se és deste mundo, irmã; se és deste mundo, Mariana...". (CASTELO BRANCO 2004, p. 127). O seu amado deixa a vida por amor, termina por consolidar o que tanto encontramos na narrativa, a morte. E isso torna uma das características que mais se evidencia no romantismo e por consequente no ultrarromantismo, denominado o “mal do século”, o século das paixões proibidas.

Mariana na narrativa se apresenta inicialmente como uma menina ingênua, mas que ao decorrer da história se transforma em uma mulher apaixonada que luta para conseguir concretizar esse amor. Apesar de nunca ter conseguido realizar o amor, Mariana se entrega a morte de forma a intensificar esse amor que se tornaria eterno. “A narrativa Mariana curvou-se sobre o cadáver, e beijou-lhe a face. Era o primeiro beijo. [...] Viram-na, um momento, bracejar, não para resistir à morte, mas para abraçar-se ao cadáver de Simão, que uma onda lhe atirou aos braços”. (CASTELO BRANCO 2004, p. 127 - 128). Nesse trecho compreendemos o final trágico de uma história de amor entre os amantes, que tanto lutaram, mas não conseguiram solidificar esse sentimento, no caso de Mariana podemos entender que foi a personagem que conseguiu concretizar mesmo que por um instante o seu amor. Ao beijá-lo se entende que o contato físico existiu, e é a parti daí que esse amor se tornaria infinito, por meio da alma.

Outro ponto é que a luta de Mariana para tentar beijá-lo mostra a força, a dedicação que a personagem teve durante toda a narrativa e continuou tendo nos últimos suspiros de seu amante, mas que a força da onda conseguiu arranca-lo de seus braços, o levando para sempre por um caminho sem fim. Cunha (2005) descreve que esse momento é único de purificação, assim podemos entender que a purificação do amor ocorre na morte no momento em que Mariana segura seu amado como uma forma de quere-lo para sempre, assim sendo o mar se tornar o sepulcro dos amantes, juntos morrem de amor.

Em uma busca de viver o amor muitos casais acabam por modificar suas vidas, seus modos de viver. Sabemos que a busca da imortalidade é o que muitos almejam, seja por meio de princípios religiosos, crenças, ciências todos eles buscam a finitude da vida, mas a morte é o destino do ser, e de cada amante. CUNHA (2005, p. 156) diz que: “[...] a vida não pode recuar diante da morte, deve-se aceitá-la e incluir em seu percurso as lágrimas e o luto, não incluindo, todavia, a possibilidade de recuperar também a alegria de sua trajetória existencial numa eternização do amor”. E é por esse amor que tantos casos amorosos ficaram tão conhecidos, e o conceito da morte passaria por mudanças em seus modos de se enxergar, a tristeza se tornaria a felicidade eterna do amor.

Assim, Cunha (2005) destaca que:

[...] o consórcio de dois seres pela morte proporciona para o romantismo a verdadeira união, indestrutível, infinita, elevação a unidade suprema conquistada por meio de muitos sofrimentos, privações e distanciamentos dos amantes, o que aumenta ainda mais o amor. É como se uma fatalidade tivesse unido as personagens num amor que não deveria ter nascido, e que, portanto teria que transcender esta vida. (CUNHA 2005, p.145)

Ao ouvirmos falar da Literatura Portuguesa já nos possibilita a lembrança do amor que deveria ser vivido em meio a felicidade, mas que em muitas narrativas não se é possível alcançar essa felicidade, já a paixão assim definida consegue viver o sentimento amoroso, e o desejo pela concretização não só apenas na dor e na solidão, mas também na felicidade. Além do mais é necessário entender que o desejo do outro é a metade que falta para o encontro com a morte, em que se espera a união dos dois seres para viver esse amor eterno. Dessa forma, o amor foi e sempre será encontrado em obras do campo literário, apesar dos anos e das leituras os personagens vão sempre traduzir a temática do amor/ mortal e essa afeição pela a metade que falta.

Camilo Castelo consegue em *Amor de Perdição*, mostrar uma maravilhosa novela que consegue fazer nos prender e fazer com que o nosso coração bata mais forte, por que independente de qualquer coisa do mundo, todos tem guardado em seu interior a aspiração pelo o amor puro, pleno e único.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa, e ao longo do seu desenvolvimento percebemos que o amor se eterniza como puro, verdadeiro, que jamais será vencido. Dessa forma acreditamos que é de grande importância apresentar as transformações deixadas pelo o amor, em que não era possível a concretização desse sentimento, mas que foi criado meios que possibilitou o amor além da vida. Para que pudéssemos alcançar os objetivos da pesquisa adentramos em um contexto de lutas amorosas, de transformações em decorrência desse amor que tanto é encontrado na obra, além de que entramos nas questões familiares que tanto se é mostrada na narrativa.

Para contextualizar nossa pesquisa inicialmente foi evidenciado a literatura de forma a mostrar a sua importância, e além do mais a literatura portuguesa possibilitando conhecer o contexto em que é inserida, assim foi de grande importância penetrar no romantismo, por permitir conhecer o desenvolvimento dessa escola literária, e sua efetivação até os dias de hoje. Para que pudéssemos compreender o amor mortal, foi apresentado o ultrarromantismo, que nos possibilitou conhecer as suas características nas quais está tão presente na obra aqui pesquisada. Conhecemos a vida do autor e seus modos de escrita, em que foi possível abordar a sua vida, e suas inspirações para as suas escritas. Além de que foi possível conhecer a realidade do amor em uma época de grandes empecilhos, mas que ao aprofundarmos nossa análise foi possível conhecer os contextos que o fizeram se tornar tão conhecido em meio a literatura.

O amor aqui destacado nessa pesquisa é um sentimento não compreendido, mas vivido de forma pura, verdadeira pelos personagens as quais destacamos, lembrando que a personagem Mariana tem seu destaque por nos permitir enxergar um amor silenciado que suporta tudo para ser vivido, mas que faz com que esse amor a leve perdição de si, dos seus pensamentos, dos seus modos de viver, tornando uma mulher apaixonada, dominada por um amor não correspondido, mas que busca através da alma a concretização do amor.

Diante de tudo que foi apresentado podemos assim, acreditar que perante os modos de se vê o amor, ele consegue ganhar espaço na narrativa, visto que consegue fazer com que os personagens mudem seus modos de vida, para apostar na concretização desse sentimento. O amor entre Simão e Teresa nos possibilitou reconhecer a importância do ser romântico na descoberta de novos desafios, visto que os amantes não aceitam as formas sociais de enxergar o amor, apenas acreditavam em seus sentimentos e na forma de concretizá-lo, mesmo com o destino da morte. Já o amor em Mariana traz outro viés, o fato de que o amor também

modificava o comportamento do ser e dos seus pensamentos, sendo capaz de dominar e levar até a perdição de si e da própria vida, tendo assim como consequência a morte. Além do mais foi possível perceber que a personagem Mariana apesar dos vários fatores que impediram o seu amor ser concretizado consegue evidenciar um sentimento puro e real mesmo encarando uma realidade um pouco diferente que ela almejava. Assim, acreditamos que nossa pesquisa proporcionou conhecer outras visões do amor, e da própria vida dos amantes que apesar de terem como objetivo a concretização do sentimento conseguem exprimir através dos fatos outras realidades amorosas que ficaram em épocas passadas, mas que se encontra tão viva pelos leitores de muitas e outras narrativas que trazem a temática do amor.

Assim, podemos considerar que o amor observado por meio da obra *Amor de Perdição* se tornou um legado para a literatura portuguesa, que tanto foi almejada por historiadores do amor. Com isso podemos refletir o amor como algo puro e verdadeiro, que consegue existir não apenas em corpo, mas em alma, e é isso que Camilo Castelo Branco tanto evidenciou em suas obras, trazer para dentro o que se vive eternamente. A partir daí engrandecemos nosso olhar com uma leitura dessa obra, que nos trouxe reflexões e novos modos de se distinguir amor e morte.

Em suma, enceramos nossa pesquisa com a certeza de termos atingido os objetivos que nos foi descrito nesse trabalho, assim esperamos que as contribuições aqui descritas possam engrandecer outras pesquisas que iram ser realizadas futuramente, e possibilitar outros olhares para outras histórias de amor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELO BRANCO, Camilo, 1825-1890. **Amor de Perdição**/ Camilo Castelo Branco; orientação pedagógica Douglas Tufano; notas de leitura Álvaro Cardoso Gomes.-3.ed.-São Paulo: Moderna, 2004.- (Coleção travessias).

CRUZ, Eliude Barbosa da. **Mulheres camilianas: análise das personagens Teresa de Albuquerque e Mariana, do romance *Amor de perdição***. ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131.

CUNHA, Maria de Lourdes da Conceição. **Romantismo Brasileiro: Amor e Morte** (Um estudo sobre José de Alencat e Maria Firmina dos Reis)/ Maria de Lourdes da Conceição Cunha. --- São Paulo: factash Editora, 2005.

\_\_\_\_\_, Maria de Lourdes da Conceição. **Romantismo: O Mito do Amor Impossível**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008, São Paulo, Brasil. **Congresso**. São Paulo: Abralic, 2008. v. 6, p. 1 - 6.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 2ª edição. Editora Cultrix. São Paulo. 1969.

\_\_\_\_\_. **Presença da literatura portuguesa, Romantismo-Realismo**. 6ª edição. Edipe Artes Gráficas. São Paulo. 1984.

\_\_\_\_\_. A análise literária. 17.ed.São Paulo: Editora Cultrix, 2005. Acesso em: 20/10/2018, disponível em: <<http://lemouseion.blogspot.com/2013/11/o-conceito-de-literatura-por-massaud.html>>

\_\_\_\_\_. **A literatura portuguesa**/ Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 2006. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=xcQYSXj0xN0C&pg=PA147&lpg=PA147&dq=a+novela+camiliana+parte+sempre+numa+situa%C3%A7%C3%A3o+unica+para+estabelecer+em+cada+narrativa&source=bl&ots=mweY8g\\_WBw&sig=zSsJihDX5J09q\\_7q0\\_qCxxEnjc&hl=ptBR&sa=X&ved=2ahUKEwjSjPCr4OHeAhXDIJAKHQXxDbcQ6AEwAHoECAoQAQ#v=onepage&q&f=true](https://books.google.com.br/books?id=xcQYSXj0xN0C&pg=PA147&lpg=PA147&dq=a+novela+camiliana+parte+sempre+numa+situa%C3%A7%C3%A3o+unica+para+estabelecer+em+cada+narrativa&source=bl&ots=mweY8g_WBw&sig=zSsJihDX5J09q_7q0_qCxxEnjc&hl=ptBR&sa=X&ved=2ahUKEwjSjPCr4OHeAhXDIJAKHQXxDbcQ6AEwAHoECAoQAQ#v=onepage&q&f=true)> , acesso em 15/11/2018.

OLIVEIRA, A. L. P. C. de. **A ficção camiliana para além de historias de amor**. 120f. 2009. Dissertação ( Mestrado )- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=a+fic%C3%A7%C3%A3o+camiliana+para+al%C3%A9m+de+historias+de+amor&oq=a+fic%C3%A7%C3%A3o+camiliana+para+al%C3%A9m+de+historias+de+amor&aqs=chrome..69i57.22308j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>> acesso em: 10/11/2018.

OLIVEIRA, P.F. da M. **Aspectos do amor em Camilo**. Letras, Curitiba, n.47, p. 83-94. Editora da UFPR. 1997.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Raquel Alexandra Oliveira da Silva. **Romantismo Contextualização histórica e das artes.** 2010. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Música, Artes, Instituto Politécnico de Castelo Branco. São Paulo, 2010.

SCHONARTH, Luana Grasiela. **A temática do amor na obra Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco.** 2015. 41 f. Monografia (Especialização) - Curso de Letras, Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2015. Cap. 2.